

JOÃO CRAÚNO
(Carlos Eugênio Costa da Silva)

João Craúno nasceu pobre,
desgarrado e teatino.
Veio conforme o destino
inventou de lhe mandar.
Na tesoura de tosquiar
foi moldado ao modo antigo
e entre ferrugem e sangue
cortaram o seu umbigo.

Não teve berço, cuidados,
nem carinho e achegos,
dormia sobre os pelegos
tapado só com o xergão.
Cresceu guri pé no chão
brincando em tropa de osso
e no cabo da enxada
a infância rendeu-se ao moço.

Era sozinho na vida,
não conheceu nem os seus,
sempre ouviu falar de Deus
e na infinita bondade,
mas não sabia a ansiedade
que em seu peito faz morada
nem porque Deus dava muito
e pra ele nunca deu nada.

Não tinha crença nenhuma,
só no suor de seu rosto,
cevava o amargo desgosto
de nascer já rejeitado,
e no braço do arado
tinha um sonho a realizar:
ter a sua própria terra
e pra si poder plantar.

Mas pra um peão não era fácil
em patrão se transformar,
pois muito era o trabalhar
e pouco o pagamento.
Seu omisso sentimento
lhe cobrava a ação
de dar um chega a miséria,
um basta na exploração.

Ouviu falar que o Justino,
como ele um empregado,
foi-se embora pro povoado
e “mui bien” se deu por lá,

pensou então em “troteá”
e o cavalo logo ferra:
Ganho uns cobre na cidade
depois compro “minhas terra”.

Arrumou tudo que tinha
para partir sem demora:
Um rebenque, um par de espora,
a canha faltando um terço,
o pelego que foi berço
e na vida companheiro,
sua mala de garupa
e parte a trote chasqueiro.

Com a esperança a cabresto
e na garupa a vontade,
se adentrou na tal cidade
de manso, pitando um baio,
mas olhares de soslaio
lhe dirigiam trancucho
pois ali o modernismo
eliminou o gaúcho.

Sentiu, não era no más
a nova vida começar,
ninguém queria empregar
um grosso, um agricultor,
cidade não dá valor
pra pouco conhecimento
e é impossível plantar
aonde só há cimento.

Começou a viver de changa
trabalhando por comida
e os sofrenços da vida
lhe mandando ir embora.
Mas o que fazer agora
lhe cobrava a realidade:
ser explorado no campo
ou marginal na cidade?

Chorou lembrando da vida
que levava até ali.
Desde piá, de guri
a sorte o contrariou,
e quando um sonhe criou
tentando realizar
o destino na paleta
a espora quis cravar.

Voltou pra terra de onde
jamais devia ter saído,

o peito em sulcos, ferido,
a face triste, enrugada,
sem esperança em nada
fez valer o sacrifício:
é ruim ser explorado
mas pior é não ter ofício.

Reencontrou-se co'a enxada
que a tempos tinha largado,
viu de novo o arado
de sol a sol companheiro,
viu terra, sentiu o cheiro
do campo que ele plantou
e no verde que enxergava
sua vida rebrotou.

Passou a viver como antes:
semeando, colhendo dor
e o sonho de agricultor
em vida nunca brotou.
Porém quando o fim chegou
dando fim a sua guerra
o sonhe realizou-se
em 7 palmos de terra.